

Revista da Academia Cearense de Letras

Diretor: CARLOS STUDART FILHO

ANO LXVIII

FORTALEZA — 1964

N.os 32 - 33

O LIRISMO DE CAMÕES

LUÍS SUCUPIRA

Comentando a notícia da morte do grande poeta Ribeiro Couto, ocorrida recentemente em Paris, o outro igualmente grande poeta nosso, Augusto Frederico Schmidt, disse, entre outras coisas saudosas e sentidas, que o extinto era brasileiro até no seu amor por Portugal.

Realmente faz parte de modo intrínseco de nossa personalidade brasiliense essa espécie de extrovertimento que atinge os lindes sentimentais de um culto muito particular pela gente e pelas coisas lusitanas. Para nós Portugal é como o irmão mais velho que foi constituir família em terras distantes, mas que continua sempre ocupando os pensamentos e as saudades, fazendo parte como centro de interêsse das conversas caseiras e sendo rememorado em dias e datas que se tornaram comuns, graças a um convívio prolongado.

E é por isso mesmo que a festiva ocorrência hoje comemorada, apesar do seu cunho essencialmente português, repercute em nossos corações como se também fôsse fasto nacional, o que não é demasia reconhecer, porque, por tradição e hereditariedade, continuam inapagáveis em nossa vida a influência, o caráter e os ideais do grande povo, que se projetou na história como raça de gigantes e de heróis, e que ofereceu ao mundo não só o braço às armas feito como também à musa a mente dada.

E de tal maneira identificou-se a grandeza de Portugal com o gênio de Camões, que, depois de quatro séculos, ainda não se

pode falar num sem citar o outro e tão bem compreenderam isso os continuadores das armas e varões assinalados, que uniram num mesmo afeto e consolidaram num mesmo sentimento o Dia da Pátria e o Dia de Camões.

Dêsse "Camões tão português na alma, que as mesmas harmonias homéricas e virgilianas, os mesmos sons clássicos se lhe repassavam, debaixo dos dedos, naquela sincera e maviosa melodia popular, que respira das crenças do povo, da sua fé religiosa, do seu próprio fanático, sim, bem fanático patriotismo".

E justamente é sob êsse aspecto de poeta lírico, tão grande se não maior lírico do que épico, pois é lírico na epopéia mesma que o celebrou pelo tempo e pelo mundo afora, que Luís de Camões representa nas suas facêtas mais humanas, mais profundas, mais específicas e mais perenes a alma vibrante, melancólica, gemebunda e condoreira dos filhos de Portugal. Poeta pela graça de Deus, a poesia é o ar que respirou Camões durante a vida inteira: tôdas as fôrças da sua vida interior se desdobram em poesia. Iniciado desde os tenros anos juvenis nos segredos da mais bela das artes, chegou pelo estudo, pela experiênciã, mas, sobretudo, pelo amor e pelo sofrimento a tal grau de perfeição no extravasar os seus afetos, que as formas mais difíceis se adaptaram, espontâneamente e sem esfôrço, à expressão do seu pensar. E se nas melodias que entoou são freqüentes ou chegam até a dominar as notas elegíacas, deve isso às amarguras da sua sorte, que impediu se elevasse a sua voz de modo claro, vibrante e argentino nos desbordamentos de alegrias entrevistas, porém, nunca, jamais atingidas ou possuídas.

Como diz Guilherme Storck, às poesias líricas de Camões se pode aplicar o que Schlegel diz do excelso vate em geral, isto é, que valem para o povo por muitos poetas e por uma literatura inteira. Com efeito, é lícito afirmar, sem possibilidade de contração fundamentada, que Camões não é sòmente o maior lírico do seu país mas um dos maiores líricos de todos os tempos. Para conhecer o poeta, nas suas concepções da dor e da glória, do amor e da vida, não basta ler os *Lusíadas*. No imortal poema temos oportunidade de privar com o cantor cheio de patriotismo. Mas o homem no seu ser e na sua existênciã real e sentimental, na alegria e no amor, como na saudade e na tristeza; o filho do seu tempo pelo saber e pela fé, pelos devaneios e pelos anseios; o

consumado cavalheiro dos serões palacianos; o atrevido espadachim em plena roda dos companheiros de estroinice; o valente soldado de terra e de mar; o destemido aventureiro que repartiu suas incursões pela Europa, África e Ásia; o finíssimo observador da natureza e da vida; o mancebo e homem feito, ilustre e cômico do seu valor, mas pobre e infeliz, tão infeliz e tão pobre que morreu de miséria, no abandono e na fome, em imunda enxérga, contando apenas com a lealdade de um pobre negro; numa palavra, a personalidade íntegra, os movimentos e os impulsos que incitaram a sua vida, tudo isso só podemos ver e conhecer e sentir e admirar entrando em contacto com a lírica do imenso e eternamente admirável e admirado poeta.

Se na poesia camoniana se divisa a alma da Renascença, purificada pelo sôpro da Cavalaria, também se encontra o coração humano em sua perenidade sentimental, enaltecendo o amor com a exaltação da mulher. O amor foi a grandeza e a infelicidade contínuas da atribulada existência do cantor de Inês de Castro, como êle infeliz e vítima do mal do amor. Foi o amor a causa do seu exílio de Lisboa, do seu destêrro para a África, da sua prisão, do seu engajamento para as Índias, onde serviu nessa Goa que immortalizou no seu poema e que mãos traiçoeiras, às caladas da noite, quatro séculos mais tarde, arrebatavam da sua vida feliz para incrustá-la, à fôrça, numa comunidade cruel de famintos, de doentes e de párias. Foi o amor que o conservou uma como inútil vida, que, no entanto, era a única a possibilitar o surgimento da sua obra-prima e a construção dêsse rendilhado romântico de uma lírica imortal. Mesmo quando dado aos amôres, em amor tudo transformava. Borboleteou por sôbre variadas flôres femininas, cujos nomes espargiu pelos ares da posteridade, como a escrava Bárbara, Catarina de Ataíde, Francisca de Aragão, Grácia de Morais, Guiomar de Blasfet, Luísa Quesada. Maria de Távora, Violante de Andrade, condessa de Linhares, ou cujos pseudônimos, em dulcíssimos anagramas, se tornaram, depois, contraditões na crônica batismal de lusos-brasileiros, como Belisa, por Isabel, Deliana, por Daniela, Nise, por Inês, Natércia em vez de Catarina.

No meio dessa constelação de mulheres amadas vem juntar-se mais uma, cujo nome, citado várias vêzes, não ficou até agora esclarecido se se deveu àquele apêgo às transposições, tão

do gôsto do poeta, ou se é realmente o que trazia do berço a jovem por êle carinhosamente indicada, no mais amoroso dos determinativos — minha Dinamene, quando externa seus lamentos 1.º Sonêto 160, publicado em 1668:

*Ah minha Dinamene! assim deixaste
Quem nunca deixar pôde de querer-te . . .*

Tudo indica que foi Dinamene o grande amor de Camões. Quem seria essa musa admirável, que povoou de encantos e de saudades a vida acidentada e sofredora do maior lírico da raça portugêsa? Segundo a Década Oitava de Diogo do Couto, trata-se de "hua moça China", conforme a narrativa a seguir: "vin-do de lá se foi perder na costa do Sião onde se salvarão todos despidos e o Camões por dita escapou com as suas Lusíadas. . . e aly se lhe afogou hua moça China que trasia muito fermosa, com que vinha embarcado e muyto obrigado, e em terra fes sonetos à sua morte em que entrou aquêlo que diz "Alma minha."

Seria possível que o grande amoroso, que disputara as preferências de elegantes damas das côrtes, aias de princesas, jovens de alta linhagem, expressões de beleza e de galanteria, de delicadeza e de formosura fôsse enlear-se e apaixonar-se loucamente por uma china, que não só transformou em seus afetos contingentes mas os transubstanciou em culto perene e imorredouro, cantando-a pelo tempo afora, até o último alento, nas dobras de uma saudade interminável? Que o diga o Sonêto 72:

*Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquela alma me aparece
Que para mim foi sonho nesta vida.*

*Lá numa soidade, onde estendida
A vista por o campo desfalece,
Corro após ela; e ela então parece
Que mais de mim se alonga compélida.*

*Brado: Não me fujais, sombra benina.
Ela (os olhos em mim co'um brando pejo,
Como quem diz que já não pode ser)*

*Torna a fugir-me: torno a bradar: "Dina" . . .
E antes que diga "mene", acordo e vejo
Que nem um breve engano posso ter.*

Depois que se voltaram as vistas dos estudiosos e eruditos para essa figura de mulher chinesa, que o próprio Camões testemunha ser de "peregrina formosura", passou-se a pesquisar mais atentamente a variada lírica do ilustre vate e se foi chegando à conclusão de que Dinamene pode ser apontada como a grande paixão amorosa do cantor dos Lusíadas. Nós, os ocidentais, que conhecemos os filhos do antigo Celeste Império apenas através de escassas figuras vindas até nós ou chegadas ao nosso conhecimento por meio de desenhos ou retratos que procuram mostrar a generalidade típica da raça amarela, não concebemos que naquela gente apareçam tipos de beleza. No entanto, já Marco Polo afirmava no século XIII que encontrara na China "belles femmes" e frei Gaspar da Cruz, no seu *Tratado Sobre Coisas da China*, publicado em 1560, confirmava que "ainda que os chins sejam comumente feios, todavia se acham alguns que têm rostos muy bem feitos" e as "molheres comumente, tirante as do longo do mar e as dos montes, sam muito alvas e gentis molheres, tendo algumas os narizes e os olhos bem feitos". Depois dêle, em 1614, Fernando Mendes Pinto sustenta na sua *Perigriçam* que êle e seus companheiros encontraram na China "moças muyto fermosas". Também o jesuíta padre Álvaro Semedo, em 1731, informava que em Yan Cheú, "las mujeres se levantan com el primer título de hermosas."

É certo que na língua chinesa não encontra abrigo o nome Dinamene, que assenta com mais propriedade no idioma grego, sendo mesmo encontrado na *Iliada*, de Homero, e na *Teogonia* de Hesíodo, como o de uma das cinqüenta filhas de Nereu e Dóris, ninfa marítima ou nereida mitológica. A palavra, na sua origem hélade, pronuncia-se *dínamene* e quer dizer poderoso, don-

de se haver a ciência dela apossado para denominar os geradores de força elétrica, hoje conhecidos como dínamos.

Há pouca possibilidade porém de haver Camões atribuído um apelido à sua alma gentil, perpétua saudade que tão cedo se partiu para as plagas etéreas. Ao que parece, a dona de “um mover de olhos, brando e piedoso, de um riso brando e honesto, de uma pura bondade, manifesto, limpo e gracioso indício da alma, trazia o nome chinês de Ti-Nam-Men, que, como é comum naquela gente, tem significado poético e quer dizer “Porta da Terra do Sul”. Camões teria aportuguesado o Ti-Nam-Men em Dinamene, imortalizando-o nos versos encantadores, doloridos e lamentosos dos seus sonetos, das suas trovas, endechas, cantigas e redondilhas.

Tudo indica que, após haver queimado várias vezes as asas do coração nos dias agitados da sua agitada existência na terra-mãe, onde, no entanto, só encontrou desdêns, indiferença ou impossibilidades, invejado por uns, atormentado por outros, perseguido pela maioria, sem paz, sem conforto, lançado em prisões, mandado a exílios, em país estranho, no meio de povo hostil, olhado como inimigo, sem compreender a língua, sem ter onde manifestar sua religião, se sentisse Camões atraído por “um mover de olhos brando e piedoso”, pelo riso brando e honesto, pelo “encolhido ousar”, pela “brandura”, pelo “ar sereno” que a “celeste formosura” de Dinamene, tal qual “mágico veneno”, “pôde transformar-lhe o pensamento”.

E convém ter mais em vista ainda que não se tratava de uma qualquer mulher, mas de “uma moça muyto fermosa”, como escreveu Diogo do Couto. Esse estranho amor não constituía uma simples aventura como as que tivera ocasião de provocar em Lisboa, pois que a trazia consigo para Portugal, tendo a desventura de vê-la afogar-se quando com êle naufragou nas costas do Sião. E daí chorar o poeta no Sonêto 23 “àquela” a que faltou na terra sepultura” enquanto “lhe faltava a êle consolação”. E continua:

*Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina formosura:
Mas enquanto me a mim a vida dura
Sempre viva em minha alma te acharão.*

*E se meus rudes versos podem tanto
Que possam prometer-se longa história
De aquêl amor tão puro e verdadeiro,*

*Celebrada serás sempre em meu canto;
Porque enquanto no mundo houver memória
Será a minha escritura o teu letreiro.*

Foi êsse grande amor que consolou o final dos dias do poeta infeliz e desditoso. Foi Dinamene que lhe proporcionou durante as horas de solidão, abandono e mesmo fome, quando cercado de “lembranças que lembravam o bem passado”, “lembranças do seu bem, doces lembranças,” os momentos agridoces de recordações agradáveis, “memória do seu bem cortado em flor”.

E pelos restos dos seus dias, olhando para as horas distantes que transformaram seu viver num duro fado, Camões não deixava de clamar:

*Ab minha Dinamene, assim deixaste
Quem nunca deixar pôds de querer-te
Como por tempo eterno te apartaste
De quem tão longe andava de perder-te.*

Diziam os antigos que os que sofrem devem fazer da sua dor um poema. Camões foi muito mais além do conselho. Seu modo de ser íntimo, subjugado por infinitas aflições, tristezas e mágoas, provocadas pelo contraste do destino com as necessidades da alma, mais sentiu o aguilhão da infelicidade, azedado pelos menosprezos que sofria. Mas, em vez de revoltar-se ou de humilhar-se, cozinhou os azedumes numa glorificação da raça e, ante o desencanto das decepções inesperadas, mergulhou seus sentimentos numa dolorosa saudade.

Para compreender bem todo o labirinto sentimental do mavioso e vibrante aedo portugalense é preciso, antes do mais, considerá-lo na sua produção lírica e não apenas em sua epopéia, como se tornou comum fazer nos meios literários. Porque é nos sonetos, elegias, éclogas, odes, canções, sextinas e vilancetes que se encontra graça e profundidade, ternura e infantilidade, a docu-

ra do prazer e a mais lacerante melancolia, pairando por sôbre os seus cantares e os seus soluços, a memória da sua Dinamene, que foi como êle afirmou "todo o seu bem cortado em flor".

E culminando seu estro "na perpétua saudade de sua alma" deixou para encanto dos pósteros e linimento de corações por acaso tão malferidos como o dêle, essa obra-prima que, sendo ao mesmo tempo um suspiro de saudade, é a glorificação do amor eterno cujos versos imortais representam o que há de puro, de elevado, de sublime, na mais terna e cantante homenagem que um homem apaixonado pode prestar à memória da mulher amada:

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou...*